

Apresentação do Dossiê “Práticas de educação não escolar e não formal”

Dinora Tereza Zucchetti*

Eliana Perez Gonçalves de Moura*

Luís Antonio Groppo**

DOI: [http://dx.doi.org/10.20435/2318-1982-2016-v.21-n.43\(00\)](http://dx.doi.org/10.20435/2318-1982-2016-v.21-n.43(00))

Este Dossiê apresenta um conjunto de artigos que trata de práticas educativas que tendem a se diferenciar daquelas usualmente associadas às instituições escolares; práticas que alargam os sentidos usuais atribuídos à educação, tradicionalmente ancorados no ensino escolar.

Essas práticas educativas, em conformidade com Carvalho e Azevedo (2004), compreendem ações que fazem da educação para o convívio em sociedade e para o exercício da cidadania uma estratégia de proteção à infância e à juventude. Em geral, ocorrem no campo social, de modo paralelo à educação escolar ou de forma complementar a ela, no contraturno da escola, inclusive podendo habitar o próprio ambiente escolar. Podem ser consideradas práticas educativas não escolares, ou ainda como educação não formal, podendo fazer parte da educação comunitária, educação social, educação popular e pedagogia social.

Geralmente efetuadas por organizações da sociedade civil, elas têm sentido diverso ao do mero reforço escolar, uma vez que define um campo educacional próprio, com intencionalidade, caráter não obrigatório, mistura de idades, flexibilidade de tempos e espaços, são orientadas para as necessidades dos grupos envolvidos, não apresentando hierarquização, não visando à certificação e acontecendo por meio de metodologias variadas.

Busca-se, neste Dossiê, destacar a diversidade dessas estratégias educativas, dos locais onde elas acontecem, dos sujeitos que a elas estão afetos, apresentando, também, os modos como acontece a formação dos educadores e dos educandos.

Como organizadores deste Dossiê, trazemos distintas trajetórias acadêmicas e pertencimentos institucionais, bem como diferenciados princípios teóricos. Foram as publicações de artigos de nossa autoria que oportunizaram dar-nos a

* Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, Brasil.

** Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG), Alfenas, Minas Gerais, Brasil.

conhecer o uso comum que fazemos do termo práticas socioeducativas.

Em vez da disputa do conceito ou do campo de estudos, os organizadores deste dossiê preferiram abrir o diálogo propondo um trabalho coletivo, o qual é composto desta Apresentação e dos artigos que se seguem.

Estes resultam da mobilização de diferentes pesquisadores, educadores e instituições acadêmicas que, em rede, aderiram à chamada pública do dossiê pela Revista Série-Estudos, organizada pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB).

A submissão da proposta a este periódico não foi casual, pois há uma tradição das instituições salesianas em atuarem na educação social, incluindo a própria UCDB e o UNISAL (Centro Universitário Salesiano de São Paulo), instituição que também acolhe um Programa de Pós-Graduação em Educação, cuja Área de Concentração é a Educação Sociocomunitária. Do UNISAL vieram dois artigos desta coletânea, além de que um dos organizadores deste Dossiê fez sua carreira como pesquisador no campo da educação para além da escola, justamente neste Programa voltado à Educação Sociocomunitária. Por parte da Universidade Feevale, as demais organizadoras pertencem ao grupo Educação, Formação e Diversidade (CNPq) e investigam a Educação no Campo Social como temática preferencial desde longa data.

Nesta apresentação – resultado de um esforço coletivo – buscamos refletir

conceitual e historicamente sobre as práticas educativas não escolares e não formais, principalmente, a partir da sua dimensão socioeducativa.

Nas pesquisas educacionais, especialmente no campo da sociologia da educação, a tradição distinguiu duas maneiras principais de educação, a escolar e a familiar, ou educação formal e educação informal. A educação escolar, também chamada de ensino ou educação formal, tendeu a ser identificada com a própria escola. Já a educação informal é composta por enorme gama de aprendizagens informais, saberes e comportamentos oriundos de “[...] meios familiares, de amizade, de trabalho, de socialização, midiática, nos espaços públicos em que repertórios são expressos e captados de formas assistemáticas” (PARK; FERNANDES; CARNICEL, 2007, p. 127).

Nos Estados Unidos, a partir dos anos 1960, e no Brasil, mais recentemente, passou a circular um outro termo: educação não formal, para designar um terceiro modo da educação. Em parte, há uma novidade histórica na assunção do termo educação não formal no Brasil, que se generalizou nos anos 1990, em torno da expansão e recriação de práticas socioeducativas dos chamados projetos sociais, implementados por organizações não governamentais e fundações empresariais, entre outros, que constituem o chamado “terceiro setor”. O termo educação não formal serviu para tentar descrever as características dessas

práticas socioeducativas, planejadas de modo distinto da educação escolar, mais flexíveis e, entretanto, não preocupadas com a certificação, nem ancoradas em legislações educacionais.

Uma das teses de Groppo et al. (2013) é a de que, mais essencialmente, o que se revelava era um momento ímpar da formação de um novo campo educacional no Brasil, o campo das práticas socioeducativas. Trata-se de práticas de ensino-aprendizagem voltadas à resolução de problemas sociais e para populações ditas “excluídas”. A ascensão da educação não formal nos anos 1990, ao lado de um mercado voltado a atender demandas educacionais do chamado “terceiro setor”, foi um importante momento da formação do campo das práticas socioeducativas.

Outra vertente de estudos nessa área vem sendo construída, nos anos recentes, tomando a educação em seu conceito amplo - em conformidade com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional (LDBN, 1996) - para distinguir a educação escolar de todas as práticas educativas que ocorrem no campo social, especialmente, referindo-se àquelas desenvolvidas no âmbito de programas e/ou projetos socioeducativos, como expressão de políticas compensatórias voltadas a segmentos populacionais especialmente identificados por marcadores de desigualdade social.

Nessa vertente de estudos, o posicionamento das autoras sobre as práticas de educação além da escola, nomeadamente educação não escolar (MOURA;

ZUCCHETTI, 2010), está ancorado na argumentação de quatro eixos balizadores, a saber: a urgente superação do debate sobre diversas formas de nomeação; o olhar mais minucioso para a questão da intencionalidade presente (ou não) nas práticas de educação no campo social; uma concepção ampliada de educação, designando-a como uma prática social que é também um ato político; e, finalmente a necessidade de construção de bases teóricas marcadas por uma atitude de abertura e acolhimento, um corpo de saberes transdisciplinar.

Na sequência, apresentamos o conjunto de artigos que compõem esse Dossiê. Destacamos que estes possuem em comum o reconhecimento que, para além da escola, existe uma gama diversificada e plural de experiências educativas que recompõem o cenário educativo dominante, revelando o envolvimento e a intencionalidade de novos agentes, fazendo da educação um mosaico de práticas que não se reduzem aos limites da disciplinaridade e do lugar habitual da escola.

O artigo “A metodologia ‘maiêutica-recíproca’ de Danilo Dolci”, de Caterina Benelli, apresenta a obra do educador e comunicador italiano Danilo Dolci, cuja trajetória e teses nos levam imediatamente a comparações com o grande Paulo Freire. Entre suas contribuições, uma metodologia de educação para a paz, para o diálogo e de luta (não-violenta) pelos Direitos Humanos, bem como o uso do dispositivo pedagógico definido como “maiêutico-recíproco”.

O artigo intitulado “O abandono escolar perante os constrangimentos da exclusão e a atracção do mundo do trabalho” de autoria de Antónia Barreto, Amílcar Coelho, Dalila Baião, Fernando Jerónimo, Isilda Silva e Jose Manuel Pereira da Silva, aborda o problema do abandono escolar experimentado e vivido pelos jovens portugueses que não concluíram o ensino secundário. A partir de uma crítica contundente ao modelo escolar português, o texto se aproxima da temática do presente dossiê, ao apontá-lo como alienado, ineficaz, injusto e incapaz de concretizar plenamente as aspirações individuais e coletivas de uma sociedade em mutação. Em decorrência dessa aproximação temática os referidos autores compõem um grupo de pesquisa independente que vem desenvolvendo investigações em conjunto com as professoras da Universidade Feevale, organizadoras deste Dossiê.

Abordando “o sentido do trabalho educativo no campo social”, Karine Santos e Marilene Lemes discutem o cenário contemporâneo como um campo fértil para o estudo das práticas educativas desenvolvidas no campo social. Organizações não governamentais são lócus de práticas educativas impregnadas de intencionalidades, que ora se mostram emancipatórias, ora conformatórias, num campo nebuloso envolto em uma multiplicidade de intenções.

Em “Proteção, prevenção e convívio: analisando práticas com educadores sociais”, as autoras Leila Ribeiro Rubini e Nair Iracema Silveira dos Santos apre-

sentam seus argumentos a partir de uma dissertação de Mestrado sobre as práticas do educador social na política pública da Assistência Social. Desde a pesquisa-intervenção, com base nos referenciais da Análise Institucional, problematizam a desnaturalização das práticas de educadores sociais dialogando com as postulações teóricas de Michel Foucault.

“Educação poética em educação não formal: narrativas simbólicas e criações artísticas”, artigo de Renata Sieiro Fernandes, Teca Minuzzo e Severino Antônio, tem como empenho o diálogo entre as noções de educação poética e educação não formal, com a intenção de configurar uma educação permanente aberta à escuta e à criação artística. Traz a interpretação de práticas educativas efetuadas em oficinas com mulheres, nas quais se fez uso de rodas de literatura e técnicas teatrais como sociodrama, teatro espontâneo e Teatro do Oprimido. Destacou-se nessas oficinas, a tecelagem, uma ação fortemente ligada ao universo feminino e que permitiu diversas reflexões sobre a condição das mulheres na contemporaneidade.

Quanto ao artigo “Educar-se em movimento: prostitutas militantes e a construção da autonomia”, de Fabiana Rodrigues de Sousa, ele aborda os processos formativos criados no âmbito de associações de prostitutas de quatro cidades do Brasil. Faz-se uma interessante relação desses processos com as noções de educação pelos movimentos sociais e Educação Popular, com reflexões que

trazem as pesquisas de campo da autora pautadas no diálogo e convívio com o processo de organização das prostitutas em associações.

No artigo intitulado “Modos de aprender, oficinas e inventar na experiência com a infância”, as autoras Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto, Paula Marques da Silva e Margarete Axt abordam a temática na interface da Educação e da Psicologia Social com as políticas juvenis. A partir da metodologia da pesquisa-intervenção, problematizam o que crianças enunciam na experiência de aprender com a cidade. Para tanto, tomam os conceitos de experiência, tempo e aprender, nos estudos que aproximam Gilles Deleuze e Henri Bergson, analisando o ato criativo da aprendizagem da criança no tempo-espaço vivido na cidade.

O artigo “A brinquedoteca universitária enquanto um espaço de formação para crianças e adultos”, de Fabiana de Oliveira, nos apresenta outro espaço educativo. Discutem-se as atividades de uma brinquedoteca instalada em uma universidade do interior de Minas Gerais,

cujo principal objetivo é constituir-se como local para que as crianças possam vivenciar momentos de lazer e ludicidade, tão caros à infância. Com a abordagem teórica da Sociologia da Infância, o artigo ainda traz reflexões sobre a formação de educadores lúdicos nesse espaço, que também é uma atividade de extensão universitária.

Seguindo a mesma linha, Lamila Lockmann discute “O papel expansionista da escola contemporânea”. Apoiada nas postulações de Vincent, demonstra o quanto projetos socioeducativos carregam uma forma escolar, designando-a como movimento de pedagogização do social. Analisando os efeitos que tais fenômenos vêm produzindo na escola contemporânea, aponta para a multidimensionalidade de funções atribuídas a essa instituição no contexto contemporâneo.

Ao finalizarmos esta apresentação, resta-nos agradecer aos que conosco compartilharam as reflexões em torno da temática educação não escolar e educação não formal, especialmente naquilo em que referiram as suas dimensões socioeducativas, convidando todos à leitura.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria do C.; AZEVEDO, Maria Júlia. *Ações complementares à escola no âmbito das políticas públicas*. [S.l.: s.n.], 2004. Inédito.

GROPPO, Luís Antonio Groppo et al. *Sociologia da Educação Sociocomunitária: ensaios sobre o campo das práticas socioeducativas e a educação não formal*. Holambra, SP: Setembro, 2013.

MOURA, Eliana; ZUCCHETTI, Dinora. Práticas socioeducativas e formação de educadores: novos desafios no campo social. *Ensaio*, v. 18, p. 9-28, 2010.

PARK, Margareth B.; FERNANDES, Renata S.; CARNICEL, Amarildo (Org.). *Palavras-chave em educação não formal*. Holambra, SP: Setembro; Campinas: UNICAMP/CMU, 2007.

Sobre os autores:

Dinora Tereza Zucchetti: Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002). Professora titular da Universidade Feevale no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social. Bolsista Produtividade em Pesquisa (CNPq) e pesquisadora convidada do Instituto Politécnico de Leiria, Portugal

Eliana Perez Gonçalves de Moura: Mestrado em Psicologia Social e Personalidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS, 1996) e doutorado em Educação pela PUC-RS (2003). Docente do curso de graduação em Psicologia e docente-pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Diversidade Cultural e Inclusão Social (prof. titular), da Universidade Feevale.

Luís Antonio Groppo: Pesquisador do CNPq. Mestrado em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 1996) e doutorado em Ciências Sociais pela UNICAMP (2000). Professor da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG).